

CEDI

Povos Indígenas no Brasil

Fonte: O Estado de S. Paulo Class.: 117

Data: 19/01/74 Pg.:

Funai inocenta Campinas e joga culpa na imprensa

Das Sucursais de
SALVADOR E BRASÍLIA

Afirmando que as acusações feitas ao sertanista Antonio Campinas não passam de "sensacionalismo da imprensa marrom", o presidente da Funai, general Bandeira de Mello, disse ontem, em Salvador, que "a comissão de inquérito nada apurou contra aquele funcionário".

Segundo o general, os membros da comissão discordaram das conclusões a que chegou o técnico Ezequias Paulo Heringer, que afirmou, em um relatório, terem os krenhãcarore sido levados à prática do homossexualismo. "Os índios — informa Bandeira de Mello — dormem juntos, por causa do frio. Às vezes formam grupos de oito a dez, colados uns aos outros, inclusive passando a perna sobre o corpo do companheiro, mas sem qualquer intenção libidinoso".

Para o presidente da Funai, Heringer interpretou mal algumas facetas do comportamento indígena e divulgou um relatório, considerado confidencial. Por isso, resolveu puni-lo com 30 dias de suspensão.

"Só não o demiti por justa causa — afirma o general — porque foi sua primeira falta

e sua esposa está no oitavo mês de gravidez". Por esse "motivo muito humano", Heringer, além de suspenso, foi apenas transferido para a Perimetral Norte.

HONRA FERIDA

Bandeira de Mello diz que existem pessoas interessadas em "ferir a honra" de Antonio Campinas, um homem casado e pai de quatro filhos. "Para isso, contam elas com o sensacionalismo da imprensa marrom", acrescentou. Sobre a carta enviada há alguns meses à direção da Funai, por Claudio Villas Boas, chamando a atenção para o comportamento daquele sertanista, o general informa que "se referia apenas a problemas profissionais, como métodos de trabalhos e produção".

O presidente da Fundação Nacional do Índio fez questão de lembrar, a propósito, que o verdadeiro trabalho de pacificação do krenhãcarore não foi feito por Villas Boas, mas por Apoena Meirelles: "Claudio abandonou logo o contrato, para viajar ao Japão".

O general Bandeira de Mello concedeu a entrevista depois de assinar convênio com a Universidade Federal da Bahia, visando à realização de pesquisas antropológicas, sobre a comunidade indígena remanescente no Estado.

O sertanista Ezequias Paulo Heringer ficou surpreso e chocado ao saber, em Brasília, das declarações feitas pelo presidente da Funai, principalmente por não ter recebido qualquer comunicado sobre sua suspensão. "Prefiro aguardar as conclusões oficiais — afirmou — para, então, fazer declarações sobre o assunto. Mas em princípio, se realmente a comissão de inquérito diz serem falsas as acusações contra Campinas, considero esse fato um verdadeiro desestímulo à verdade".

Apoena Meirelles, que também trabalhou na frente de atração do Rio Peixoto de Azevedo e prestou depoimento durante o inquérito da Funai, reagiu igualmente, de forma desfavorável, às conclusões chegadas e à forma como foram divulgadas. "É muito estranho que as pessoas envolvidas diretamente no problema sejam informadas sobre os resultados através da imprensa, pois ontem estive na Funai e ninguém me disse nada".

Florello Parisi, que substituirá Antonio Campinas na frente dos krenhãcarore, não quis comentar o afastamento daquele sertanista. Disse apenas que procurará evitar o contato dos índios, com o pessoal encarregado da abertura da rodovia Cuiabá-Santarém.

Villas Boas discorda e restabelece a verdade.

Do Serviço Local

O sertanista Orlando Villas Boas estranhou as declarações do general Bandeira de Mello feitas ontem em Salvador, segundo as quais o verdadeiro trabalho com os krenhãcarore foi feito por Apoena Meirelles.

— A própria Funai sabe muito bem que nós iniciamos esse trabalho em 1968 e só conseguimos o primeiro contato, em 4 de fevereiro de 1973. Apoena Meirelles permaneceu na área apenas três meses, depois que os índios já estavam acostuma-

dos a frequentar o nosso acampamento.

Oriando faz questão de lembrar que ele e seu irmão Claudio chefiaram três expedições em busca do contato com os krenhãcarore. A primeira em 1968, outra em 1970 e a última em 1972. Durante todo esse trabalho, foram abertos em plena selva 8 campos de pouso para pequenos aviões, além de clareiras para lançamento de gêneros. Somente na terceira expedição, Claudio permaneceu nas selvas por 462 dias, sem se ausentar nenhuma vez da frente de trabalho. Essa expedição começou no dia 6 de janeiro de 1972 e Claudio só deixou

a região do Rio Peixoto de Azevedo no dia 25 de abril de 1973, dois meses e 21 dias após o primeiro contato com os krenhãcarore e cinco dias antes de viajar para o Japão.

Quanto à carta que alertava a Funai a respeito do comportamento de Antonio Campinas, Orlando acredita que haja um outro engano por parte do presidente da Funai, pois Claudio nunca escreveu nada a respeito desse assunto. "A carta foi minha — diz Orlando — dirigida ao então diretor geral de Operações da Funai e não falava de métodos de trabalho e sim da incapacidade moral do sertanista."